

SEGUNDO ENCONTRO FIC IFSC

Metodologia para o Ensino de Artes

Professora: Kellyn Batistela

Contato: kellyn.batistela@ifsc.edu.br



INSTITUTO FEDERAL
Santa Catarina

**de que forma a abordagem decolonial pode transformar
a maneira como pensamos e produzimos imagens hoje?**

1. PONTO DE PARTIDA:

aula passada
Imagem-Representação

1

INÍCIO

2. DESENVOLVIMENTO:

- ✓ Espaços de representação na arte
- ✓ Postura pedagógica decolonial

TEORIA

3.

PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICO:

- ✓ Cartografia
- ✓ Imagens-Relacionais

PRÁTICA

VAMOS NOS
ORGANIZAR:

2

PROCEDIMENTOS
AVALIATIVOS

1. ENVOLVIMENTO:

40% da nota
Postagens no Drive
PROPOSIÇÃO 1

60% da nota
Apresentar
pesquisa no dia
21/5 e postar no
drive
(PROPOSIÇÃO 2)

2. PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICO:

- ✓ Cartografia
- ✓ Imagens-Relacionais

Plano de aula ou proposição
PRÁTICA

ÚLTIMO ENCONTRO

DIA 21/5

SÍNCRONO

Avaliação Final

60% da nota

Apresentação da Pesquisa Final
no último encontro:

- Cartografia de artistas
(galeria/acervo visual)
- Cartografia temática
(olhar seletivo sobre alguns
artistas do acervo)
- Um plano de aula ou
proposição didática sobre um
aspecto da cartografia temática

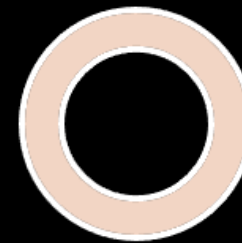
40%

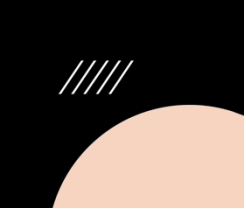
postagem no
drive

*anotações
sobre os
textos lidos

*pele
pedagógica

*acervo sobre
1 artista





Postadas no drive (pasta individual) (40% da nota):

1. Leitura do texto “Tornando-se sujeito”. Postar as opiniões, observações, comentários sobre a reflexão da leitura.
2. Leitura do artigo “Peles Pedagógicas”. Postar no drive a foto-imagem da proposição "pele pedagógica" a qual apresenta o seu "tornar-se sujeito". Para isso, é importante ler o texto de Mirian Celeste Martins. Sugestão de proposição: pode ser colagem, desenho, montagem, apropriação estética, assemblagem.
3. Coletar imagens sobre a produção visual e plástica de uma/um artista moderno ou contemporâneo que transita por diferentes linguagens.

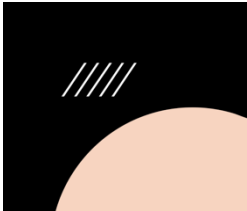
a) as imagens coletadas (de 5 a 10 imagens) devem ter ficha técnica (autoria | título | ano)

b) a partir do repertório visual pesquisado, será organizado o olhar-cartográfico;

4. Ler o capítulo 4 e, **principalmente**, o capítulo 5 do livro de referência do curso “TEORIA E PRÁTICA DO ENSINO DE ARTE: A LINGUAGEM DO MUNDO”.

5. Poste no drive suas apreensões escritas (anotações, resenha, fragmentos, relatos) sobre os capítulos lidos. Atenção: identifique seu nome no documento

Lembrando que é importante postar o material no arquivo-nominado o qual se destina à autoralidade de cada participante.





FILE

LEITURA 1: TORNANDO-SE SUJEITO



FILE

LEITURA 2: Peles Pedagógicas



FILE

LEITURA 3: LIVRO DE REFERÊNCIA | LEITURA | Teoria e Prática do Ensino de Arte: a língua do mundo



FEEDBACK

PESQUISAR UMA/UM ARTISTA E SEU ACERVO IMAGÉTICO



URL

POSTAGEM NO DRIVE | PROPOSIÇÃO AVALIATIVA 1



Drive

Pesquisar no Drive



+ Novo

Atividades

Espaços de trabalho

Meu Drive

Drives compartilhados

Compartilhados comigo

Recentes

Com estrela

Spam

Lixeira

Armazenamento

Meu Drive > PROPOSIÇÃO 1 FIC EAD > KELLYN_MEDIADORA ▾



Tipo ▾ Pessoas ▾ Modificado ▾ Fonte ▾

Nome ▾	Proprietário	Última modifi... ▾	Tamanho do	
1 imagens_sergio adriano h	eu	14:58	—	⋮
4 PELE PEDAGÓGICA.pdf	eu	16:29	757 KB	⋮
3 RIZOMA CARTOGRÁFICO ARTISTA E TEMÁTICA.pdf	eu	14:58	903 KB	⋮
2 acervo_Sergio Adriano H.pdf	eu	14:58	4 MB	⋮



SELF: 89%
8%
3%
pesquisa histórica
Sonho Dirigido
jogos dialéticos



SELF: 89%
8%
3%
pesquisa histórica
Sonho Dirigido
jogos dialéticos

PELE PEDAGÓGICA

arte da primeira fase

89% Instrumento para desvelar as construções sociais;
Produção de sentidos e sentidos de pertencimento;
Questionar paradigmas eurocêntricos descolonizando o conhecimento

8% Mobiliza a imaginação, os afetos e a subjetividade, através de uma abordagem sensível, poética e libertadora. Entrar em contato com camadas profundas da experiência, da memória e da criação.

SELF: 89% | pesquisa histórica
8% Sonho Dirigido
3% jogos dialéticos

3% O conhecimento se constrói nas relações entre os sujeitos



Último encontro: 21/05/2025 apresentação individual das pesquisas (60% da nota):

1. Apresentar, individualmente, a pesquisa (PROPOSIÇÃO AVALIATIVA 2 + PELE PEDAGÓGICA) no dia 21/05
2. Compartilhar a pesquisa no drive

https://drive.google.com/drive/folders/1dAXAK-e1ldm_i_caGQpPtWv4lQ3wwsBE?usp=sharing



URL

POSTAGEM NO DRIVE: PROPOSIÇÃO AVALIATIVA 2

PROPOSIÇÃO AVALIATIVA 2

1. Através da consulta em sua galeria de imagens, de artistas modernos e pós-modernos, elabore uma CARTOGRAFIA RELACIONAL (que poderá incluir também as imagens da pesquisa de outros/as colegas disponível no drive). VER SLIDES P. 20 e P.35.
2. Partindo da sua Cartografia Relacional, identifique afinidades com os eixos | territórios da cartografia da autora Mirian Celeste Martins. VER SLIDE P. 24.
3. Construa uma CARTOGRAFIA TEMÁTICA e a partir dela uma proposição artística (ou plano de aula) para ser aplicado em suas aulas. VER SLIDES PÁGINAS: 33 até 40.

Último encontro: 21/05/2025 apresentação individual das pesquisas (60% da nota): ver moodle



ARQUIVO

LEITURA 1: "Práticas de registro e processos de ensino-aprendizagem da arte", 2017, de Sumaya Mattar 



ARQUIVO

LEITURA PARA PESQUISA: "Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano", de Grada Kilomba 



PESQUISA

INSTRUÇÕES PARA PROPOSIÇÃO 2 - APRESENTAÇÃO INDIVIDUAL DIA 21/5 (PESO:60%) 



URL

POSTAGEM NO DRIVE: PROPOSIÇÃO AVALIATIVA 2 

1. PONTO DE PARTIDA:

aula passada

Imagem-Representação

**“A OBRA DE ARTE NÃO EXISTE
ATÉ TORNAR-SE VIVA NA
EXPERIÊNCIA DE QUEM A VÊ”**
Dewey

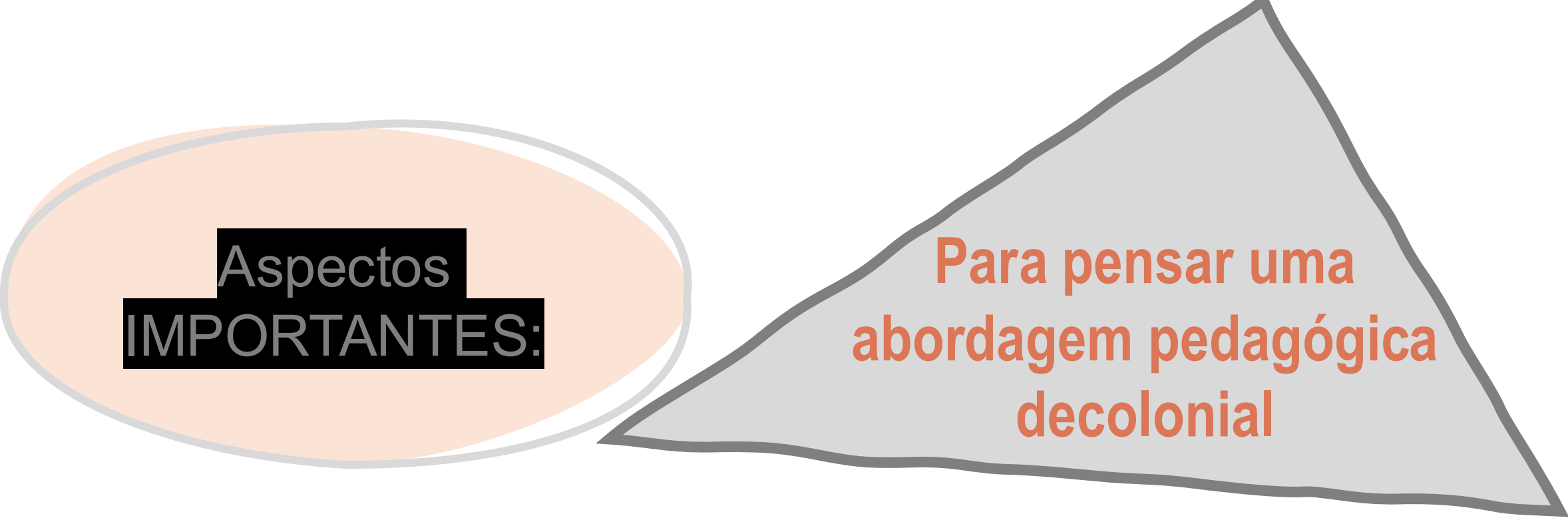
Oscar
Muñoz,
Re/trato,
2003



- “Diante das imagens, olhamos e somos olhados”
- A imagem não é um objeto passivo (decifrado ou contemplado)
- A imagem é um **sujeito de experiência**, que também nos interpela, nos afeta, nos devolve olhares.

Aspectos IMPORTANTES:

- Ver uma imagem é entrar numa relação — muitas vezes tensa e complexa — em que não há um domínio total do espectador sobre o que se vê.
- Somos tocados, provocados, atravessados pelo que **a imagem revela e oculta**.
- Especialmente quando se discute sobre imagens históricas, de resistência, de memórias silenciadas.



Aspectos
IMPORTANTES:

Para pensar uma
abordagem pedagógica
decolonial

HÁ PONTOS SOBRE A IMAGEM QUE PRECISAMOS RETER

- a. A imagem como agente ativo**
- b. A experiência do olhar como relação dialógica e ética**
- c. A impossibilidade de um olhar neutro**
- d. A imagem (representação) como campo de disputa simbólica**
- e. A educação do olhar como prática emancipadora**

abordagem decolonial

A imagem como agente ativo

>>Imagem como sujeito relacional<<

Tem **potência de afecção**: nos toca, nos atravessa, nos desestabiliza. Isso nos coloca numa posição de escuta e não apenas de análise.

A imagem age sobre nós — tem força, presença, nos toca, nos desestabiliza.

Isso nos tira do lugar de controle, do olhar que tudo define, e nos coloca numa posição mais vulnerável e implicada. **A imagem, assim, é presença viva, e não só representação.**



Rosana Paulino, Sem título, 1997

abordagem decolonial



Andréa Hygino, Tipos de comer, 2022

A experiência do olhar como relação ética

Ao sermos olhados pela imagem, somos interpelados.

A imagem nos exige um posicionamento: o que faremos com o que ela nos mostra ou esconde?

Isso é especialmente forte ao pensarmos em imagens de sofrimento, violência, exclusão ou memória histórica.

Ao sermos olhados, somos responsabilizados.

A imagem, especialmente em contextos de dor, memória ou injustiça, exige um posicionamento ético.

abordagem decolonial



Debret 1820 - 1830



Sidney Amaral, O Trono do Rei
ou a História do Sanitarismo
no Brasil, 2014

A impossibilidade de um olhar neutro

O ato de ver nunca é neutro.

Vemos a partir de nossos repertórios, histórias, afetos e preconceitos. E ao sermos olhados, essa subjetividade também é exposta, convocada, tensionada.

Todo olhar é situado. Vemos a partir de nossa cultura, classe, raça, gênero, vivências.

Isso quer dizer que o que vemos numa imagem revela também quem somos.

abordagem decolonial



Sérgio Adriano H,
Palavras tombadas,
2018

A imagem como campo de disputa simbólica

Se a imagem nos olha, ela também pode resistir, desafiar, desconstruir narrativas dominantes.

Isso é fundamental ao pensar a arte como instrumento de crítica, especialmente nas poéticas de artistas que rompem com o olhar colonial, racista, sexista, etc.

A **ARTE**, nesse contexto, pode operar como forma de resistência, questionamento e reconstrução simbólica.

abordagem decolonial

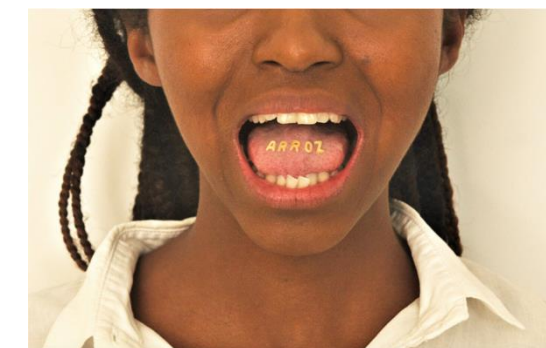
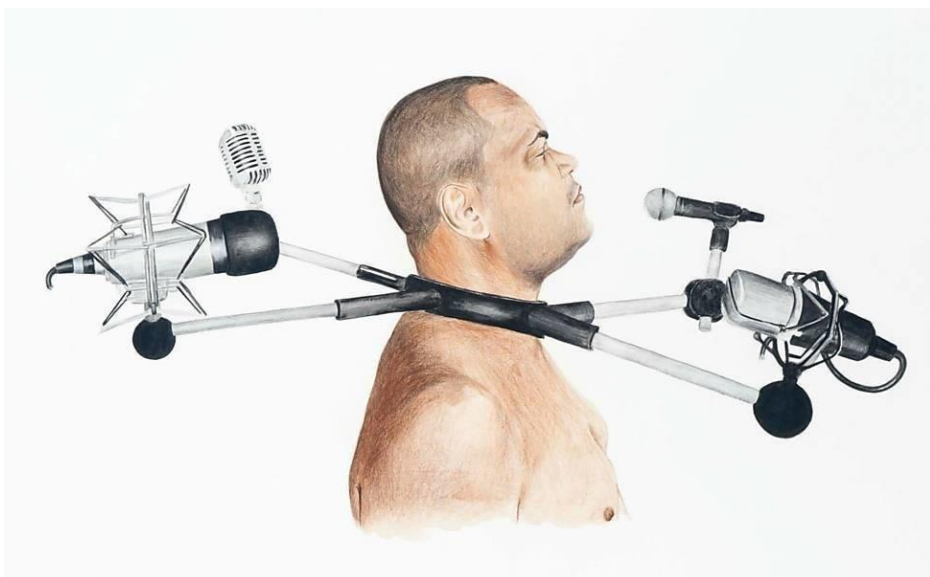
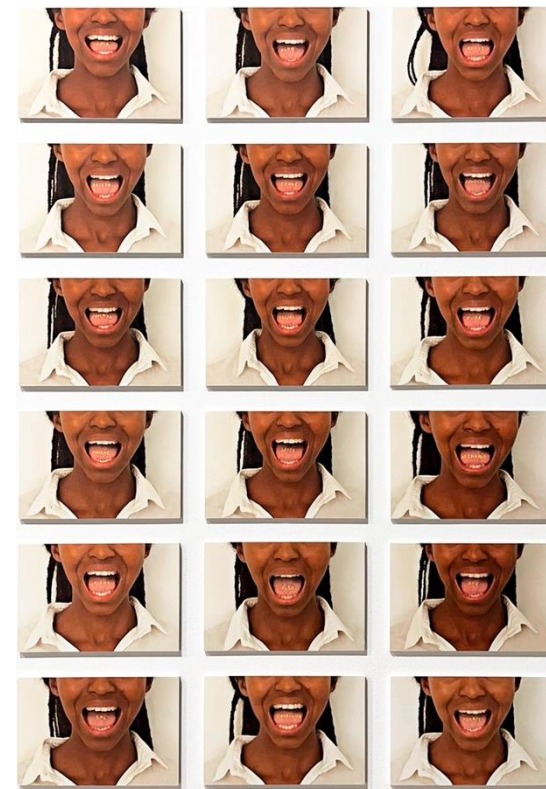
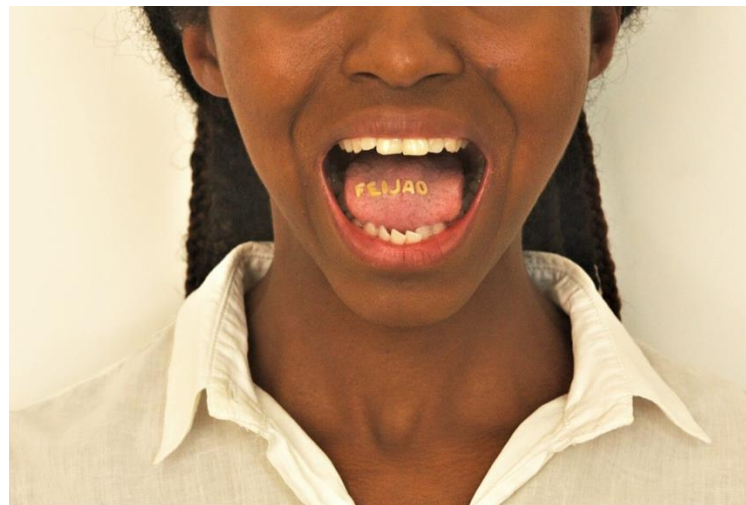
A educação do olhar como prática emancipadora

Essa abordagem convida os estudantes a não apenas verem imagens, mas a sentirem-se vistos por elas — e a refletirem sobre os modos como são representados (ou apagados) na visualidade hegemônica.

Formar sujeitos capazes de perceber as camadas das imagens é formar sujeitos mais atentos ao mundo, à história e ao outro.



Sidney Amaral, Gargalheira ou
quem falará por nós?, 2014



CARTOGRAFIA = IMAGENS EM RELAÇÃO

A black and white photograph of Angela Davis, an African American woman with a large afro, speaking into a microphone. The image is partially obscured by a large black circle containing text.

RETOMANDO NOSSA ATENÇÃO

DO QUE ESTAMOS FALANDO?

1. imagens - sistema de representação
2. herança histórica (narrativa)
3. o sujeito contemporâneo tem o lugar representativo da sua fala (PRESENÇA)

RETRATO | AUTORRETRATO

4. CONTRAPONTO
colonialismo X decolonialismo

✓ ativista Angela Davis

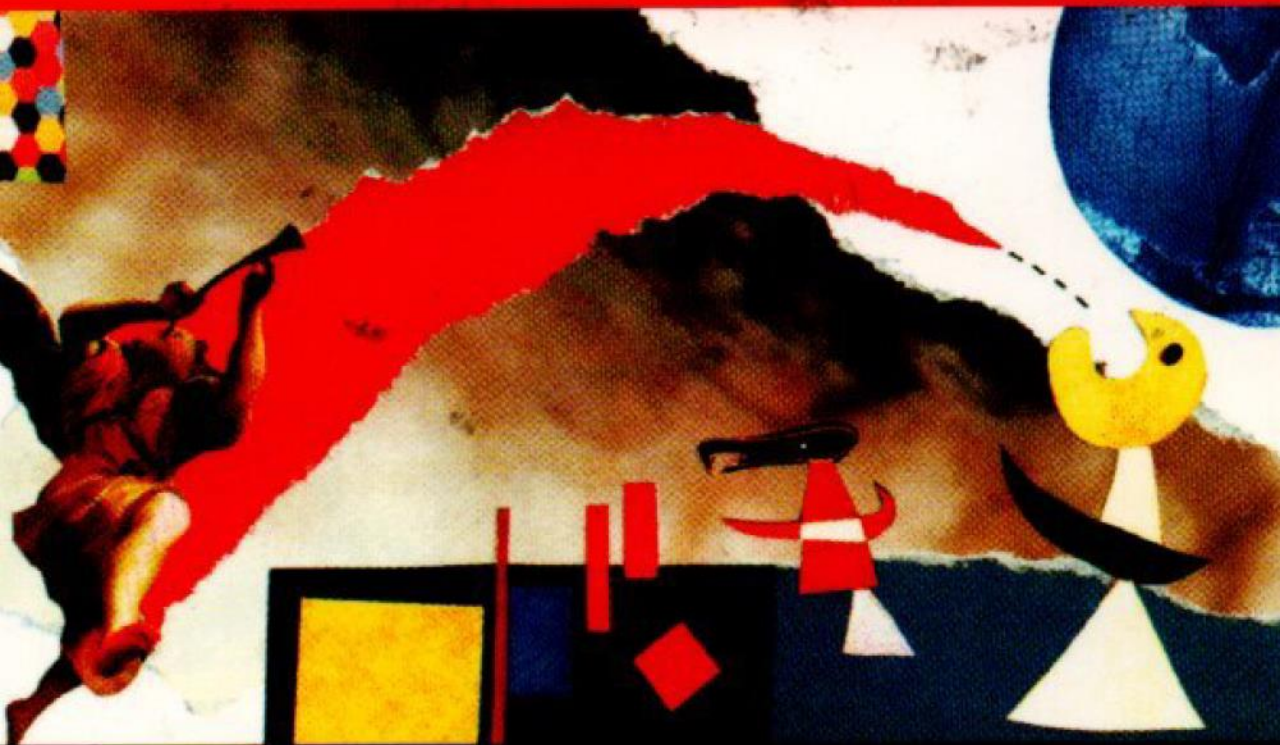
ENSINO DE ARTE: UMA ATITUDE PEDAGÓGICA

*O projeto é uma grande sinfonia,
na qual intervém a plural orquestra
das nossas operações mentais.*

José Antonio Marina

Pensar o ensino de arte é pensar modos de gerar processos educativos propositores de ações para poetizar, fruir e conhecer arte.

Mais do que a preocupação com determinadas propostas ou métodos, desejamos que você possa ir construindo uma atitude pedagógica apoiada nos fundamentos teóricos e práticos da educação e da arte. Para isso, aproximando-nos do processo de trabalho dos artistas, o que podemos aprender com eles?

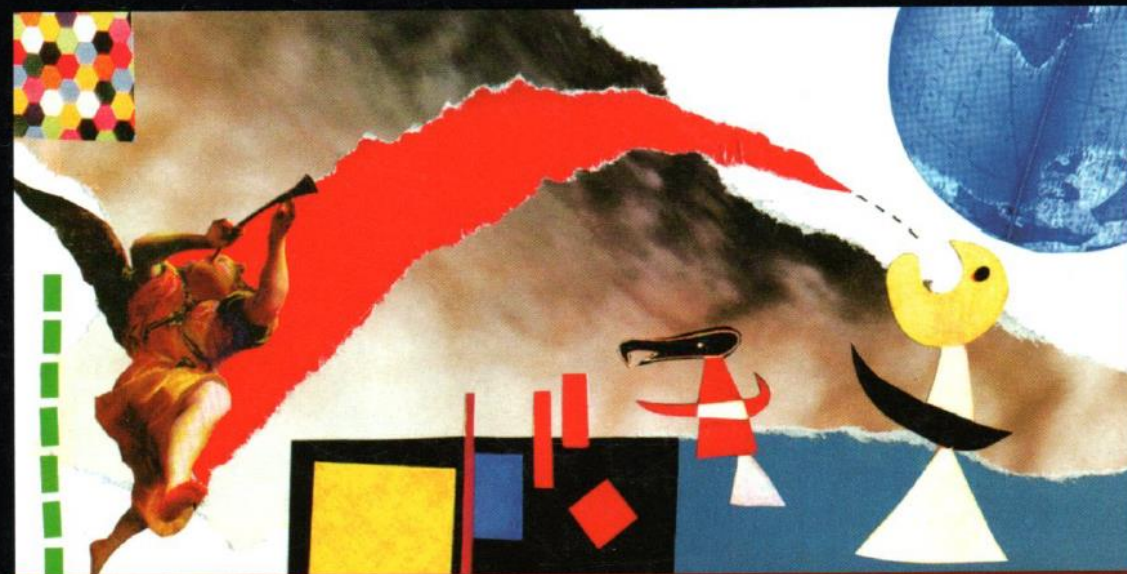


TEORIA E PRÁTICA DO ENSINO DE ARTE

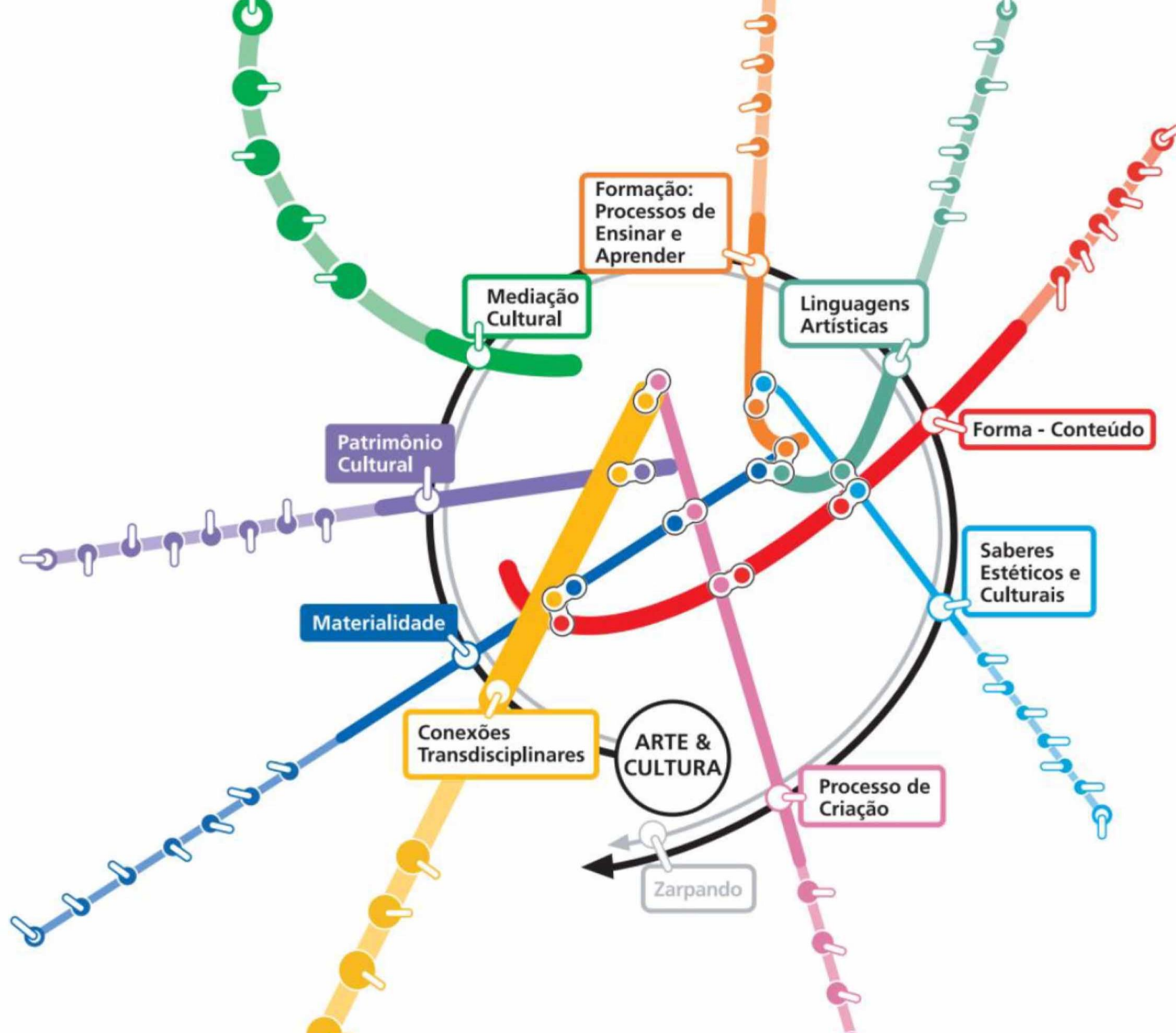
A LÍNGUA DO MUNDO

MIRIAN CELESTE MARTINS
GISA PICOSQUE
M. TEREZINHA TELLES GUERRA

TEORIA E PRÁTICA DO ENSINO DE ARTE



A LÍNGUA
DO MUNDO



Nesse contexto de experiência, não estamos focalizando o que as imagens querem dizer, mas sim como o modo de agrupamento das imagens provoca o pensamento. O que podemos enfatizar é que o segundo agrupamento, ao contrário do primeiro, provoca o pensamento a fazer conexões. O pensamento faz rizomas.

Rizoma

Esse termo vem da botânica. Um tipo de caule. Um tipo de comportamento de caule: que se espalha em diversas direções, mergulhando no solo e voltando à superfície, podendo ser aéreo, formar nódulos, bifurcar, trifurcar, multifurcar. Deleuze & Guattari, em *Mil platôs*, o tomam emprestado para opor à noção estrutural de árvore, verticalizada, bifurcada. A “árvore do saber” tem em seu tronco um modo de estruturar o conhecimento, é o paradigma que propõe a hierarquização epistemológica.

Diferentemente do pensamento arborescente, o rizoma é uma proposta de construção do pensamento em que há:

CONEXÃO

HETEROGENEIDADE

MULTIPLICIDADE

RUPTURA DE HIERARQUIZAÇÃO

CARTOGRAFIA

- conexão – qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo;
- heterogeneidade – qualquer conexão é possível, marcando um arranjo-mento por elementos e ordenações distintas;
- multiplicidade – não há noção de unidade, há um arranjo de linhas que se definem por fora, pela desterritorialização, segundo a qual as li-nhas mudam de natureza ao se conectarem às outras;
- ruptura de hierarquização – não há uma única direção, pode ser rompido ou quebrado em lugar qualquer e também retomado segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas;
- cartografia – pode ser mapeado, cartografado. Tal cartografia nos mostra que ele possui entradas múltiplas, isto é, o rizoma pode ser acessado de infinitos pontos, podendo daí se remeter a quaisquer outros pontos em seu território.

CONEXÃO

HETEROGENEIDADE

MULTIPLICIDADE



RUPTURA DE HIERARQUIZAÇÃO

CARTOGRAFIA

Um sobrevoo sobre territórios

Linguagens artísticas

Artes visuais, música, teatro, dança, artes audiovisuais e tantas outras que podem surgir e que se fazem na inventiva criação de linguagens, articuladas com códigos que se fazem signos artísticos. Cada artista, cada obra, em cada época, gera linguagens ou cruzamentos e hibridismo entre elas, ultrapassando limites processuais, técnicos, formais, temáticos, poéticos.

Processo de criação

O que vem a ser o percurso criador específico do fazer de práticas artísticas? É o estudo da criação e invenção em arte como um processo que pode oferecer a compreensão sobre o percurso criador que envolve projetos, esboços, estudos, protótipos, diálogos com a matéria, tempo de devaneio, de vigília criativa, do fazer sem parar, de ficar em silêncio e distante, de viver o caos criador.

Materialidade

Combinações de materiais. Cada material, uma matéria que dá consistência física à obra de arte. Corpo. Movimento do/no corpo. Mármore, parafina, feltro ou o som e o silêncio. Matérias que deixam de ser o que são quando sujeitas à prática artística, perdendo sua crueza de matéria pela passagem para o simbólico. Matérias são pele sobre a carne da obra. A materialidade é, portanto, signica na medida em que dá sustento, suporta significação, na mesma relação de conteúdo e forma.

Forma-conteúdo

Onde se vê a forma, lá está o conteúdo. Kandinsky (1991, p. 118) discute essa questão de modo certo. Para ele, "a forma é a expressão exterior do conteúdo interior". A junção entre forma e conteúdo revela identidades singulares de signos e sentidos estéticos, de expressão e produção. Para Pareyson (1984, p. 54), "o conteúdo nasce como tal no próprio ato em que nasce a forma, e a forma não é mais que a expressão acabada do conteúdo". O invisível do conteúdo só se torna visível pela forma, isto é, pelos próprios elementos que compõem a visualidade, a musicalidade, a teatralidade.

Mediação cultural

Práticas artísticas encontram abrigo em museus, galerias, instituições culturais, salas de espetáculo e concerto, que acolhem vedores de arte. Curadores, museólogos, encenadores, maestros, cenógrafos, programas de ação educativa e todos os segmentos e agentes que envolvem uma produção cultural em arte trabalham para ativar culturalmente a produção artística, viabilizando o acesso a ela de forma sensível e significativa, para mover o público à experiência estética. Experiência estética: múltiplas sensações, percepções, reflexões; às vezes, solitária, em seu próprio ritmo; algumas vezes, é compartilhada com outros numa conversa.

Patrimônio cultural

Obras de arte habitam a rua. Obras de arte em museus. Obras de arte efêmeras, registradas em diferentes mídias. Manifestações artísticas do povo, mantidas de geração em geração. Tudo são bens culturais, materiais e imateriais, que se oferecem ao nosso olhar. Tudo é patrimônio de cada um de nós, memória do coletivo; bens culturais que apresentam a história humana pelo pensamento estético-artístico, testemunhando a presença do ser humano, seu fazer estético, suas crenças, sua organização, sua cultura. Se destruídos, empobrecemos. Quando conservados, enriquecemos. Patrimônio e preservação são, assim, quase sinônimos.

Saberes estéticos e culturais

No estudo da arte através de campos de saberes estéticos e culturais, embasamos nosso pensamento sobre a arte e seu sistema simbólico ou social, encontrando outras referências para nossa atuação como intérpretes da cultura.

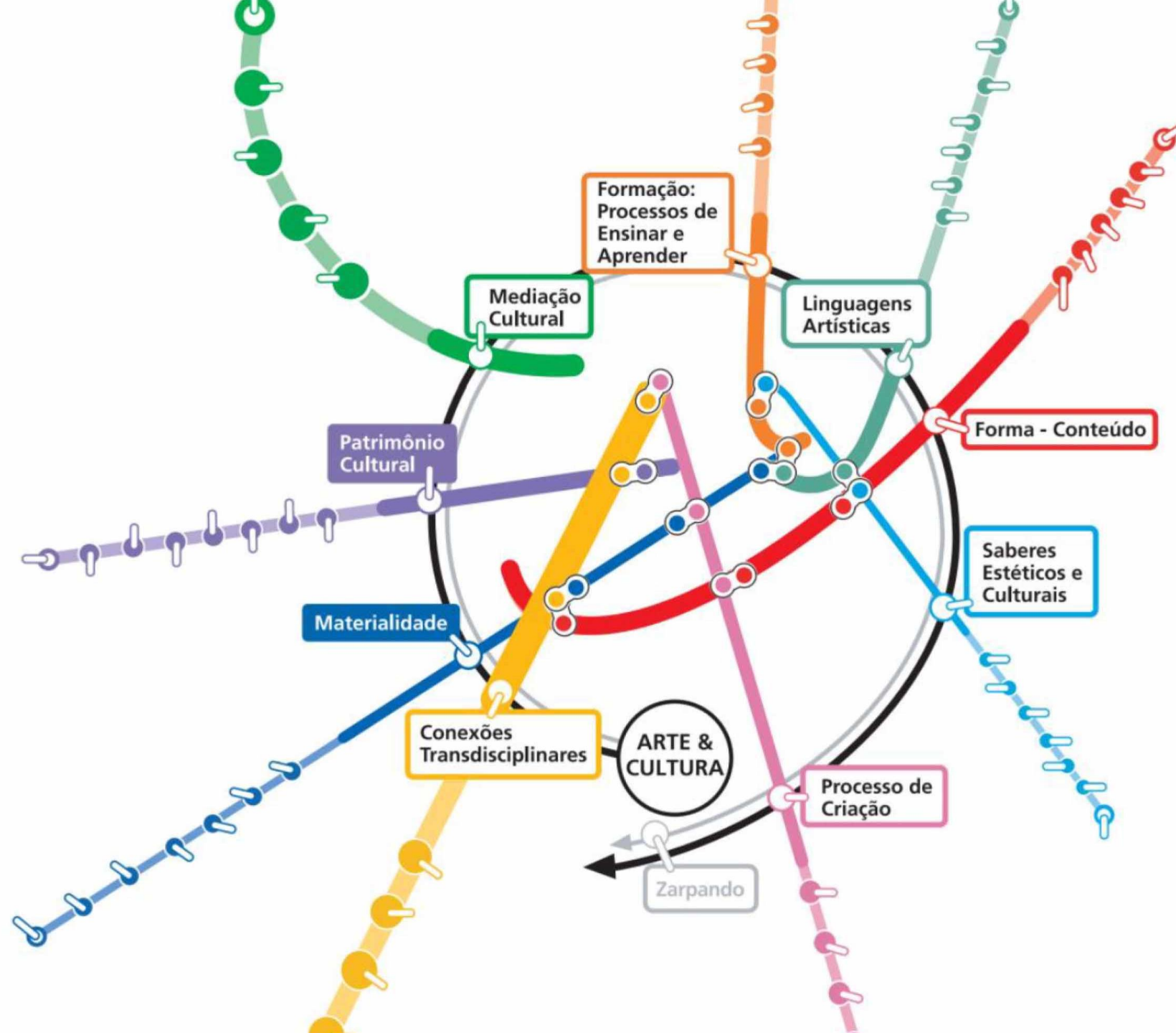
Conexões transdisciplinares

O olhar singular da arte faz conexão com outras áreas de conhecimento, assim como espelha em si as contribuições daquelas, transversalizando fronteiras. Neste território, a arte gera conexões que podem abordar conceitos e conteúdos que ultrapassam os limites de seus próprios territórios.

Zarpando

FORMAÇÃO: PROCESSOS DE ENSINAR E DE APRENDER

Nesse movimento de territorializar, desterritorializar e reterritorializar, a cartografia é aberta para zarpar para outros deslocamentos, criando outros lineamentos, outros territórios. É um convite para expansão da cartografia que não pode ficar engessada dentro dos mesmos territórios.





CARTOGRAFIA
RELACIONAL

patrimônio cultural

CORPO
MANIFESTO

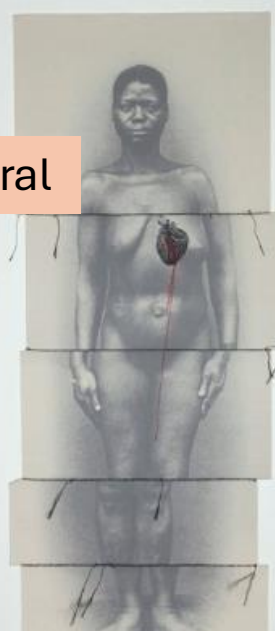
CONEXÕES

materialidade

Processos
de criação



SÉRGIO ADRIANO H



ROSANA PAULINO



SÉRGIO ADRIANO H



MUSA MICHELLE MATTIUZZI



ANTONIO OBÁ

conexões
transdisciplinares



RUBIANE MAIA



saberes
estéticos e
culturais



SIDNEY DO AMARAL



OSCAR MUÑOZ

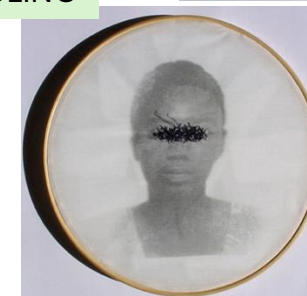


PRISCILA RESENDE

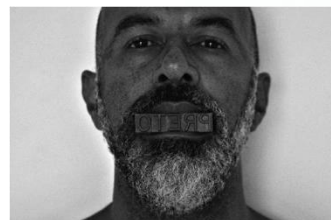


linguagens
artísticas

ROSANA PAULINO



mediação cultural



SÉRGIO ADRIANO H



forma-conteúdo

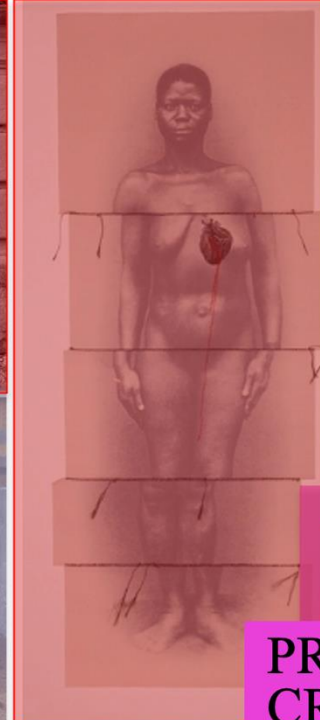


ANDRÉA HYGINO

Formação:
processos
de ensinar e
aprender



SÉRGIO ADRIANO H



FORMA E CONTEÚDO = CORPO EM FOCO | CORPO MANIFESTO

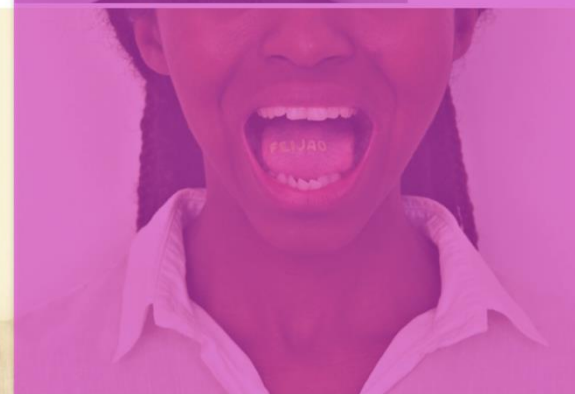
CARTOGRAFIA: desCOLONIZAR CORpos



PROCESSO DE CRIAÇÃO = LUGAR DE FALA



PATRIMÔNIO CULTURAL = HERANÇA CULTURAL EDUCAÇÃO



SABERES ESTÉTICOS E CULTURAIS



PROPOSIÇÃO SOBRE

RETRATO E AUTORRETRATO - *Imagens relacionais*

1. Qual é a linguagem artística?

2. Qual é a materialidade?

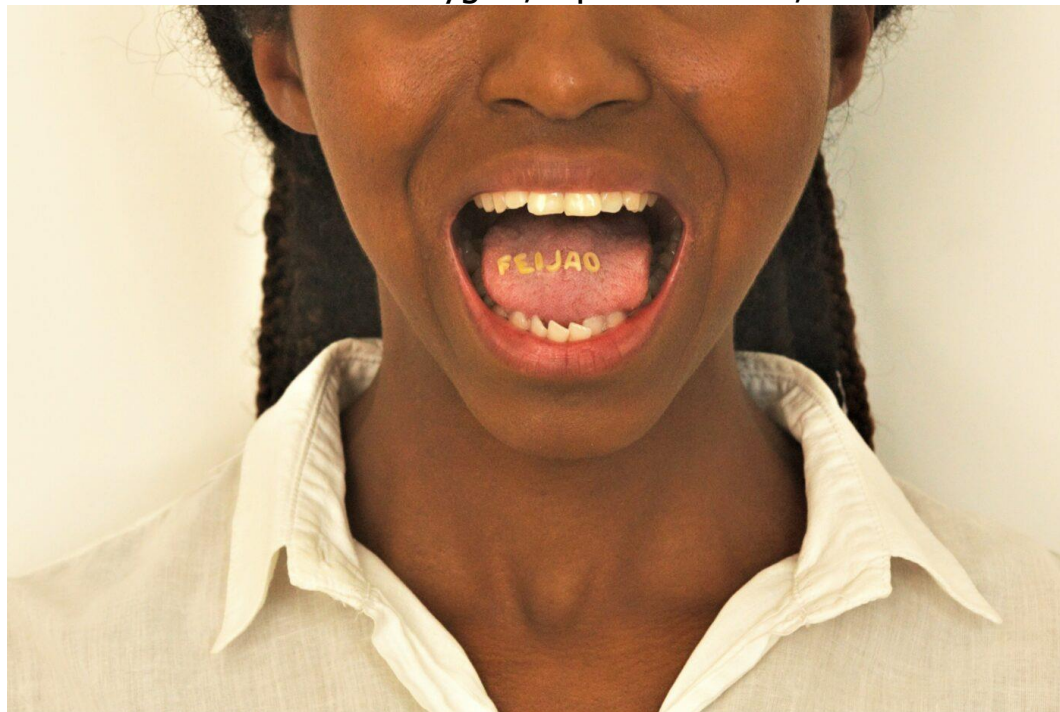
3. Forma-Conteúdo? temática | visualidade

4. A imagem representa ou apresenta?

5. Conexões?

O QUE AS IMAGENS NOS CONVOCAM A PENSAR?

Andréa Hygino, Tipos de comer, 2022



Rosana Paulino, Sem título, 1997



As imagens, através dos efeitos de sentidos, podem nos engajar em nossas relações de vida, comunidade e sociedade.

REFLEXÃO FINAL

- ✓ As imagens se posicionam na nossa cultura visual.
- ✓ As imagens nos posicionam.

O RETRATO | AUTORRETRATO

DECOLONIAL

desloca nossos olhares:

PARA DESCOLONIZAR O OLHAR

PARA A PARTILHA DOS AFETOS

PARA A EMPATIA PELO OUTRO



Oscar Muñoz, Re/trato, 2003

COMO PODERÍAMOS TRABALHAR COM ESSE VÍDEO?

- quais tema(s)? (retrato e autorretrato)
- quais técnicas/materiais?
- quais linguagens?
- quais situações? (o que se apaga dele; o que permanece; o que revela sobre mim)
- quais identidades?

abordagem decolonial

pedagogia do olhar
pedagogia da escuta

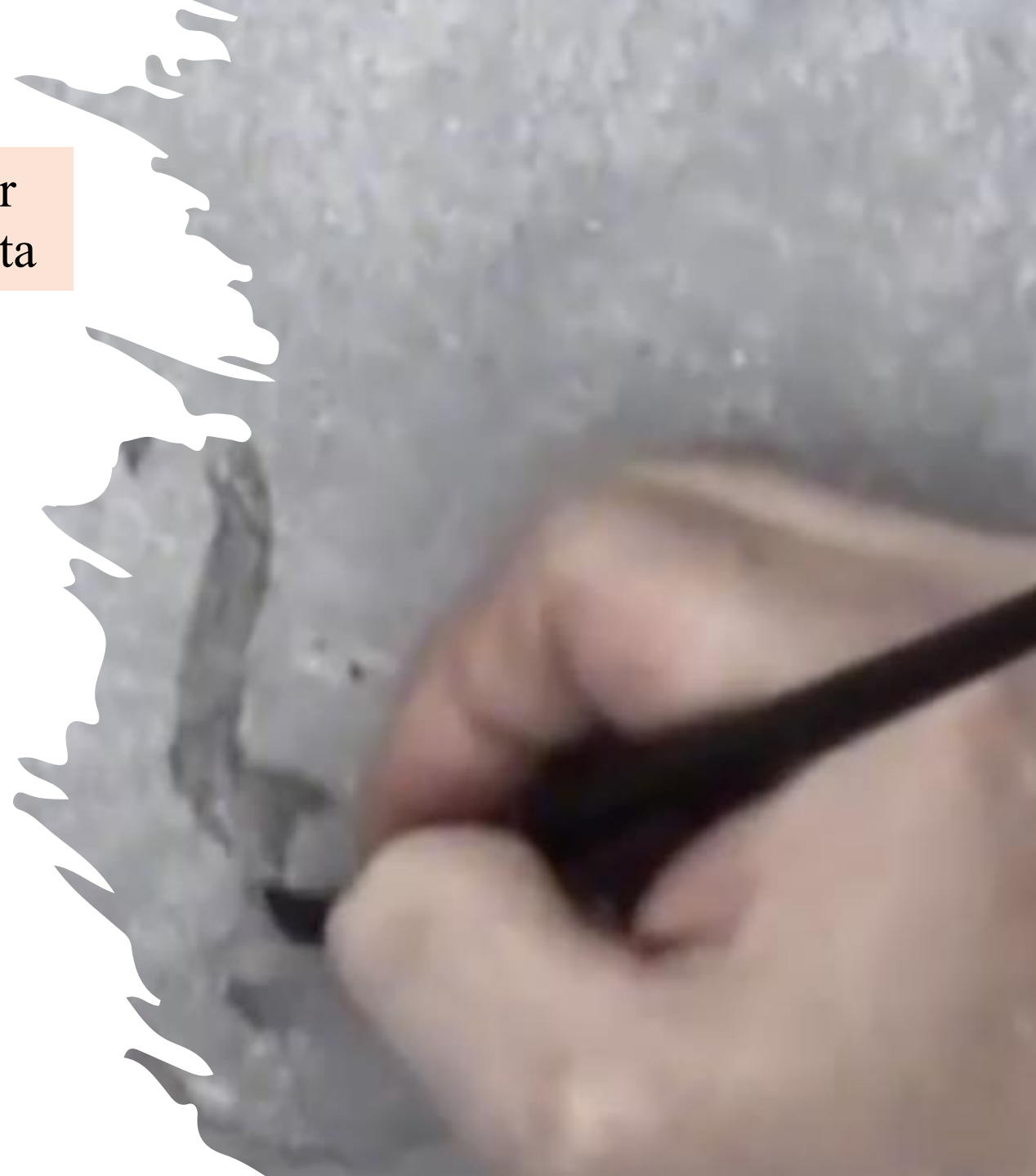
A imagem é ativa — ela desaparece, mas não sem deixar uma marca em nós.

Há um apelo ético — somos convidados a pensar no que fazemos com aquilo que se apaga.

Não há neutralidade — a obra mexe com nossos afetos e nossa história.

A imagem é campo de disputa — ela fala de quem é lembrado e quem é esquecido.

Educar o olhar é aprender a ver o invisível — o que não se fixa, mas ainda assim nos olha.





OBRIGADA

=)



REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e suas alterações. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BUORO, Anamelia Bueno. Olhos que pintam: A leitura da imagem e o ensino da Arte. 2. ed. São Paulo: Educ-Fapesp-Cortez, 2003.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed., 4. tir. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GOMBRICH, Ernest Hans. A história da arte. Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. Teoria e prática do ensino de Arte: A língua do mundo. São Paulo: FTD, 2009.

MARTINS, M. Celeste; PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para andarilhos na cultura. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

OSTROWER, Fayga. Universos da arte. São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

SAVIANI, Dermeval. História das Ideias Pedagógicas no Brasil. Editora: Autores Associados, 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WOLFFLIN, Heinrich. Conceitos fundamentais da História da Arte: O problema da evolução dos estilos na arte mais recente. Tradução de João Azenha Jr. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.
São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br>. Acesso em: out. 2024.

<https://www.wikiart.org/en/artists-by-art-movement>. Acesso em: out. 2024

<https://online.museuafrobrasil.org.br/acervo>. Acesso em: out. 2024